

Credor do Brasil diz que FMI deve ser mais flexível

Defenda o

Pelo menos um dos bancos credores do Brasil — o Barclays, da Inglaterra — é favorável a um novo tratamento da dívida externa, mais compatível com as dificuldades que o País enfrenta. Na opinião de Timothy Bevan, presidente do banco, o FMI deveria ser mais flexível com o Brasil e os bancos deveriam permitir que o País usasse parte do que gasta para pagar os juros da dívida no desenvolvimento interno.

Bevan fez esses comentários ontem, em Brasília, logo depois de almoçar com o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e com o secretário-geral do Ministério da Fazenda, João Batista de Abreu. Segundo ele, o Barclays, considerando o maior banco do Reino Unido, é

credor de uma parte — US\$ 730 milhões — da dívida brasileira.

Bevan acha que o ajustamento interno da economia brasileira não pode ser executado em um ano ou pouco mais, como o FMI gostaria. O presidente do Barclays defendeu a tese de que esse ajustamento precisa realizar-se num prazo mais longo, senão "tolheria a liberdade do Brasil poder negociar com seus credores um acordo efetivo mais duradouro". O banqueiro inglês, entretanto, não disse qual seria o prazo para o Brasil ajustar sua economia nem quis comentar a proposta do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, que defende o período de quatro anos.

Com o aumento da flexibilida-

de do FMI, segundo Bevan, seriam criadas condições para a elaboração de um acordo mais longo com os bancos credores. Ele disse acreditar que esse acordo poderia abranger até 16 anos. Mas observou que para uma negociação de tal envergadura dar resultado será necessário que Brasil e FMI cheguem a um acordo também. Para o banqueiro, o Fundo deve agir como um "mediador e avalista" entre nosso País e os bancos.

O presidente do Barclays também acha que será compatível para o Brasil reduzir sua inflação e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento dentro das metas estabelecidas pelo governo — de 5 a 6% nos próximos anos. Mas ressaltou

que o combate à inflação deve ser prioritário, citando uma frase do pensador alemão Karl Marx: "A melhor maneira de destruir um país é destruir sua moeda".

Já um outro representante de banco credor — Gilberto Prado, vice para a América do Sul do Manufacturer's Hannover — tem posição diferente. Ele acha que é o Brasil que precisa ser mais flexível com os investidores estrangeiros. "O Brasil

já é um tanto multinacional nos países onde investe, especialmente no Terceiro Mundo. Por isso, deve ter equilíbrio ao definir regras para investidores estrangeiros aqui, pois elas podem ser invocadas com relação à participação no resto do mundo."